

O TREZE

Todos os que passavam pelo local olhavam, admirados, os jovens pracinhas de farda passada e coturnos brilhando, montando guarda, em posição de sentido, defronte do melhor hotel da cidade, na extremidade da magnífica praça pública, ainda hoje orgulho de seus moradores. Poucos, contudo, tinham conhecimento de que, naquela noite outonal de clima ameno, homenageava-se com jantar festivo os oficiais do Exército brasileiro em visita oficial ao Tiro de Guerra. Aconteceu que, nem bem ainda começara o ágape, fui chamado pelo sargento instrutor a participar do mesmo. “Mas sargento, eu já jantei em casa...” “ Não discuta, entre e jante de novo. O capitão não quer treze pessoas à mesa, porque dá azar.”

A numerologia, que não tem nada de ciência exata, considera mesmo o treze numeral de má sorte, ao contrário do doze, que é visto como número completo. Com efeito, os meses do ano, os apóstolos de Cristo e as tribos de Israel, todos são doze. Contudo o treze, ainda mais quando associado à sexta-feira, dia em que, de acordo com a mitologia, a deusa Frída, depois de haver sido transformada em bruxa, passou a reunir-se com outras onze bruxas e mais o demônio, totalizando treze entidades do mal, a fim de rogar pragas aos humanos, o treze, repito, tornou-se o centro de forte superstição negativa nascida na Escandinávia e que depois se espalhou por toda a Europa.

Por incrível que possa parecer, alguns importantes eventos históricos alimentam tal superstição. De fato, foi em 13 de outubro de 1307 que o Papa Clemente V, pressionado pelo rei da França, acusou os templários de traição à igreja, enviando-os todos à prisão. Igualmente no dia 13 de dezembro de 1968, o governo militar do Brasil editou o famigerado AI 5, que decretou estado de sítio e permitiu o fechamento do Congresso. Também foi em uma sexta-feira, 13, do ano de 1939 que aconteceu o grande incêndio que matou setenta e uma pessoas na Austrália. E, por fim, o mais recente e lamentável de todos, ocorrido na França em 13 de novembro

de 2015, em que diversos ataques terroristas levaram à morte, na esplendorosa Paris, quase uma centena e meia de pessoas.

Mas, vejam todos o capricho dos usos e costumes, algumas vezes de árdua explicação. Em Portugal, no castelo de Montalegre, Trás-os-Montes, faz-se grande festa todas as sextas-feiras treze, com bruxas estilizadas, feitiços encantadores e a famosa queimada portuguesa. Na Vila de Vinhaes, aldeia de Cidões, a data é celebrada em torno de enorme fogueira, com comes e bebes de produtos locais. Também em Braga e no Porto, a sexta-feira treze é celebrada com muita animação.

O que, entretanto, me vem à lembrança, voltando ao nosso Brasil, depois dessa digressão em torno do aziago treze, é ser ele o número de respeitado e forte partido político, de notável origem popular e presença marcante nos poderes da República, mas que atualmente parece alvo da bruxa Frida, aquela mesma lembrada em parágrafo anterior. Não me cabe analisar, neste espaço, as razões elencadas pelos estudiosos da matéria para explicar esse processo de fragilização. Porém não posso deixar de admitir que treze dá mesmo azar, pois, se até em mesa de convivas isso acontece, por que não aconteceria com agremiações políticas, por mais aclamadas que sejam?

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com